BRASIL



Convento de S. Francisco da cidade de S. Paulo onde lecciona a faculdade de Direito

A instrucção é na phrase eloquente de um escriptor francez o pão do pobre.

Illustrar o povo é habilital-o não só a bem gerir os seus interesses domesticos, como a tomar parte na governação do paiz, e lançar por terra os óbices que no regimen do privilegio vedam ás classes menos abastadas a occupação das mais altas posições sociaes.

O despotismo precisa das trevas e do obscurantismo para poder perdurar; a liberdade tem por condição vital a illustração.

Montalembert, em uma discussão intricada, dirigia a seus adversarios estas significativas palavras — et nemo erudimini?

A humanidade, procurando a illustração como o ferro procura o iman, pede apenas tambem que a illustrem, que a revistam da armadura da instrucção, para que possa realisar a missão augusta de tornar verdades praticas a liberdade e a egualdade perante a lei.

No Brasil, paiz de largas aspirações, mas que ha pouco encetou o regimen liberal, apesar dos esforços de seu governo, a instrucção não attingiu o grau de perfeição que fôra para desejar.

Os institutos de ensino primario formigam, mas raras vezes ao numero corresponde a qualidade.

O magisterio é mal gratificado, e por isso o seu pessoal é em geral mau.

A instrucção secundaria é tambem, com raras excepções, mais uma especulação do que um sacerdocio.

Os directores dos collegios retiram-se abastados da empreza commercial que tentaram, mas raro é o discipulo que sáe convenientemente habilitado de taes institutos para obter a instrucção superior.

A instrucção superior, embora lide com as difficuldades que lhe criam os defeitos da instrucção primaria e secundaria, é comtudo aquella que melhor se acha constituida no paiz.

Existem no Brasil duas faculdades de direito; uma na cidade de S. Paulo, capital da provincia do mesmo nome; e outra na cidade do Recife, capital da provincia de Pernambuco; duas faculdades de medicina, uma na corte do Rio de Janeiro, e outra na cidade da Bahia, capital da provincia do mesmo nome; uma academia militar e outra de marinha, ambas estabelecidas na capital do imperio.

Não nos sendo possivel tratar de todos estes institutos de instrucção, nos acanhados limites de um artigo de jornal, occupar-nos-hemos apenas da faculdade de direito de S. Paulo, offerecendo aos nossos leitores algumas succintas observações e dados estatisticos sobre este instituto, e a descripção do edificio em que elle funcciona.

O convento de S. Francisco da cidade de S. Paulo, notavel por se achar ahi estabelecida a faculdade de direito, foi edificado no anno de 1640, pelo custodio Fr. Manuel de Santa Maria: e o alvará que auctorisou a sua creação é de 29 de novembro de 1624.

Este edificio é de vastas proporções, e tem ao rez do chão diversas salas em que funccionam as aulas do curso juridico e as de preparatorios para o mesmo curso.

A egreja que se divisa no centro do edificio pertence ao mesmo convento. As arcadas da frente dão entrada para o templo, e por uma parte lateral do atrio se penetra nos geraes da faculdade.

Pela gravura se reconhece facilmente que o edificio, construido em epocha bastante remota, resente-se de falta de gosto em sua architectura. Entretanto, a egreja da ordem terceira é interiormente de uma apparencia elegante. Os arcos de todos os altares são talhados em madeira e guarnecidos de primorosos lavores doirados.

No mesmo edificio se acham depositados os restos mortaes de alguns paulistas distinctos, como os do senador Diogo Antonio Feijó, que foi por alguns annos regente do imperio durante a menoridade do sr. D. Pedro II; brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, chefe proeminente do partido liberal, e presidente da provincia de S. Paulo nos annos de 1831 a 1835, e depois de 1840 a 1841; e outros.

O convento de S. Francisco gloria-se de ter abrigado em seu seio, por muitos annos, o mais notavel orador sagrado brasileiro, Fr. Francisco de Monte Alverne. [1]

O illustre franciscano, no vigor da mocidade, em discussões publicas havidas entre os seus confrades, e pelos sermões que então prégou, já denunciava pela sua eloquencia e força de logica o nome distincto que mais tarde o tornaria celebre na historia do Brasil.

Além d'este distincto religioso, são ainda dignos de menção os padres Galião e Lucas, que pela austeridade de sua vida e alguns factos quasi milagrosos mereceram o epitheto de santos.

A extincção da ordem foi geralmente sentida, tendo deixado saudosas recordações aos habitantes de S. Paulo, não só pelos beneficios que fazia ás classes menos favorecidas, mas ainda pelo esplendor que ostentava em todas as suas festividades religiosas.

Existem diversas irmandades que funccionam na egreja de S. Francisco, entre as quaes se torna notavel a de S. Francisco d'Assis, de que só podem fazer parte lentes, estudantes e empregados da faculdade.

A festa d'esta irmandade é sempre incumbida a um dos quintanistas mais abastados, e é por isso mesmo uma das festividades mais esplendidas das que se fazem em S. Paulo, séde de um bispado e terra classica das ceremonias religiosas.

A academia de S. Paulo, actualmente faculdade de direito, foi creada por decreto de 11 de agosto de 1827, e inaugurada em 1 de março de 1828, recitando por occasião d'essa solemnidade a oração do estilo, o então doutor e actualmente conselheiro José Maria de Avellar Brotero.

A academia foi installada no convento dos religiosos de S. Francisco, que o cederam espontaneamente, sendo então prior Fr. José de Santa Delfina.

O primeiro director da academia foi o tenente general José Arouxe de Toledo Rendon, formado em direito, e um dos paulistas mais illustres da epocha em que viveu.

Pela reforma feita em 1854 tem actualmente a faculdade de direito onze lentes proprietarios e sete substitutos, no curso de sciencias sociaes e juridicas; e no curso de preparatorios seis professores e tres substitutos.

As materias que se ensinam no curso de sciencias sociaes e juridicas são as seguintes: 1.º anno, 1.ª cadeira, direito natural, direito publico, analyse da constituição; 2.ª cadeira, direito romano; lentes, conselheiro José Maria d'Avellar Brotero, conselheiro João Crispiniano Soares; 2.º anno, 1.ª cadeira, direito das gentes; 2.ª cadeira, direito ecclesiastico; lentes, conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, doutor Martim Francisco Ribeiro de Andrada; 3.º anno, 1.ª cadeira, direito civil, 2.ª cadeira, direito criminal; lentes, conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, conselheiro Manuel Dias de Toledo; 4.º anno, 1.ª cadeira, direito civil; 2.ª cadeira, direito maritimo e commercial, lentes, doutor Antonio Joaquim Ribas, conselheiro Clemente Falcão de Sousa; 5.º anno, 1.ª cadeira, pratica do processo civil, criminal e militar, 2.ª cadeira, economia politica, 3.ª cadeira, direito administrativo, lentes, conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho, doutor João da Silva Carrão, doutor Francisco Maria de Sousa Furtado Mendonça. Os lentes substitutos são: os doutores Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, Francisco Justino Gonçalves de Andrade, Clemente Falcão de Sousa Filho, João Theodoro Xavier de Mattos, Ernesto Ferreira França e Manuel Antonio Duarte de Azevedo.

As materias que compõe o curso de preparatorios são: francez, inglez, latim, rhetorica, arithmetica, geometria, historia, geographia e philosophia. Os professores são: o doutor Joaquim Antonio Pinto Junior, doutor Mamede José Gomes da Silva, conego Fidelis Alves Sigmaringa de Moraes, doutor Francisco Aurelio de Sousa Carvalho, doutor Diogo de Mendonça Pinto e doutor Manuel José Chaves.

Os substitutos são: o conego Joaquim do Monte Carmello, doutor Paulo Antonio do Valle e padre João Jacinto Gonçalves de Andrade.

Dos lentes actuaes quatro são deputados geraes — os conselheiros Pedreira e José Bonifacio, os doutores Carrão e Martim Francisco. O primeiro pertence á opinião conservadora e os tres ultimos á liberal.

São deputados provinciaes quatro, os doutores Carrão, Martim Francisco, Antonio Carlos e João Theodoro. Os tres primeiros são liberaes e o ultimo conservador.

Dos professores, dois são deputados provinciaes, os doutores Mamede e Francisco Aurelio, ambos liberaes.

Os lentes da faculdade de direito tem dois contos de réis de ordenado e um conto e duzentos de gratificação annualmente; os substitutos tem um conto e duzentos de ordenado e um conto e duzentos de gratificação.

Os lentes que, havendo completado 25 annos de magisterio, obtem licença do governo para continuar a leccionar, tem direito a mais uma gratificação de quatrocentos mil réis annuaes. Todos os lentes que leccionam 25 annos tem direito a carta de conselho.

O exercicio do magisterio durante esse espaço de tempo dá direito, quer aos lentes cathedraticos quer aos substitutos, a jubilação com o ordenado por inteiro. Quer uns quer outros tem o tratamento de senhoria e as honras de desembargador, e são obrigados a leccionar e examinar de beca.

Existe na faculdade de direito uma bibliotheca que pertenceu primitivamente ao convento, mas hoje pertence á faculdade, e tem sido augmentada pelo governo imperial.

S. Paulo — abril de 1863.

M. F. RIBEIRO DE ANDRADA.

[1] Vid. o seu retrato e biographia a pag. 341 do vol. III.

FERNÃO PEREZ CHURRUCHÃO

TRADIÇÃO GALLEGA DA EDADE MEDIA

(VERSÃO DE BRITO ARANHA)

(Vid. pag. 131)

V

Os adversarios de D. Pedro de Castella e amigos de D. Suero, aproveitaram a desgraça de Churruchão, quem sabe se preparada por elles, para envolverem n'uma intriga horrorosa a familia do infeliz ancião.

Oiçamos este dialogo.

— Havemos de recompensar-te com extraordinaria liberalidade.

— Mas o que me propõem tem séria dificuldade.

— Nenhuma. O caso está em que queiras servir-nos, guardando o maior sigillo.

— N'esse ponto estamos de accordo.

— Pois o resto é coisa simples.

— Não sei!

— Dar-te-hemos tanto dinheiro, como não ganharias nunca em tua vida tão humilde. Amanhã, logo que desempenhes a missão de que te encarregamos, pódes ter a certeza de que nada careces, e ao saír d'esta casa viverás commodamente e contarás sempre com a nossa protecção.

O dialogo continuou em voz baixa, e por modo que ninguem pôde tomar nota d'elle.

Despediram-se os interlocutores pronunciando apenas estas breves palavras:

— Conto que ámanhã estará tudo preparado.

— Ha de estar.

— Até ámanhã.

Não nos importe saber o que se ajustou. Mas saibamos quem entrou no ajuste. Foram Mendo, favorito, e indigitado bispo de Astorga, e uma criada velha da joven D. Maria Churruchão.

VI

No edificio que mais tarde foi da inquisição, em Santiago de Compostella, existia uma abobada, quasi subterranea, onde a auctoridade ecclesiastica mandava encarcerar os que eram condemnados por crimes religiosos ou politicos.

Estava n'este edificio um illustre preso, e occupava o carcere de que fallámos.

Quem o visse, á incerta luz de immundo candieiro, difficilmente reconheceria em um homem quasi cego, com as vestes despedaçadas e o cabello branco, hirto e emmaranhado, expirando em pessima enxerga, um dos mais nobres e decididos partidarios de D. Pedro I de Castella.

Desfigurado por continuos padecimentos, privações e maus tratos, D. Pedro Churruchão, poucos dias depois de ser preso, fôra accommettido por aguda phtysica que o levou ás portas da morte.

Encarcerado alli, sem explicação nem consideração de nenhuma especie, só pôde saber, mas já tarde, que o arcebispo queria d'este modo cortar o braço mais poderoso entre os que defendiam a causa do monarcha perseguido.

Tão cautelosos, porém, andaram os emissarios do prelado, que a população, e a propria familia de Churruchão, não souberam por muito tempo de similhante acontecimento.

A unica pessoa que ficou sobresaltada e inquieta, foi seu filho, Fernão, quando viu, passados alguns dias, que o velho não chegava a Pontevedra, e que ninguem lhe dava noticias d'elle, sabendo, comtudo, que saíra de casa.

Causou-lhe, porém, terrivel suspeita a noticia de que o arcebispo trabalhava a favor do bastardo D. Henrique.

Fallaremos d'isto opportunamente.

O velho Churruchão continuava a ser tratado com severidade e grosseria por um carcereiro villão. Estava já cançado de comprehender que o golpe que o ferira havia partido do prelado; não lhe restava duvida ácerca da sorte que o esperava, quando recebeu um allivio inesperado.

Certo dia, que para o infeliz velho não tinha differença nem na luz nem no ar, amanheceu para os compostellanos alegre e formoso, protegido por um sol claro e vivificador. Era um dos mais lindos dias de primavera aquelle em que foi substituido o infame carcereiro de Churruchão, por outro cujo primeiro cuidado foi sorrir-se affectuosamente para o preso, offerecendo-lhe os seus serviços.

Ficou attonito o pae de Maria, e os olhos sem vista fitaram-se espantados em o novo guarda.

— Porque razão quer servir-me? — lhe perguntou D. Pedro Churruchão, como ainda duvidando da verdade que podiam ter os offerecimentos do improvisado protector.

— A sua desgraça, — respondeu o guarda, — e esses cabellos brancos, são para mim estimulo mais que sufficiente.

— O que vae pois fazer?

— Não posso tiral-o d'este carcere, ainda que o quizesse; porém... se me dá licença, digo-lhe que ámanhã vem a Santiago o cavalleiro D. Fernão, seu nobre filho.

— Elle!... diz que ha de vir ámanhã?

É certo. De Pontevedra, onde se acha outra vez com el-rei, saíu ha uma hora um proprio de sua inteira confiança.

— Diga-me... que sentimento o move para me servir por tal modo?

— Ha de sabel-o. Consta-me, ha tres dias, que o arcebispo está empenhado para que não saia d'este carcere...

— Foi elle quem...?

— Foi. Ao saber, pois, tudo o que se passava, empreguei todos os meios de que podia dispor afim de ser seu carcereiro.

— E conseguiu-o?

— Bem vê; de outro modo não me encontraria aqui obediente para o que me determinar.

— Verei então meu filho? Não me disse que ámanhã estaria em Santiago?

— Ha de abraçal-o esta noite...

— Quem é o senhor? Como se chama?

— Não me julgue grande personagem. Sou pobre e de humilde condição, mas desejo servil-o.

— Meu filho!... Vem, Fernão, e que eu possa apertar-te em meus braços antes de morrer!

E o infeliz ancião, profundamente commovido, desatou a chorar como uma criança.

O homem que assim lhe offerecêra a sua protecção, apressou-se em o consolar, dizendo-lhe:

— Não morrerá. Em breve, quando o ambiente for outro, acabarão os seus receios e tormentos.

VII

Fallemos novamente da formosa filha de Churruchão.

Por volta das onze horas de uma noite serena e estrellada, Maria, triste pela soledade em que a deixára a partida de seu pae, foi deitar-se acompanhada da velha criada, já conhecida do leitor.

Estaria por ventura salva do perigo que a ameaçava, se depois de recusar a ceia, não lhe occorresse pedir um copo de agua.

A criada, que sentira pesar com a abstinencia da

ama, cobrou animo, e foi, com singular rapidez, buscar o que Maria lhe pedira.

Se, quando levou o copo aos labios, a joven notasse a pallidez e o tremor da velha, de certo descobriria alteração na agua.

A confiança repetidas vezes illude a razão. Maria, distraída por suas afflicções intimas, saciou a sede e caíu profundamente adormecida.

. . . .

Entram quatro homens embuçados na casa de Churrucháo, e vão até á camara de Maria.

Dirigi-os a velha criada, segurando a mão de um d'elles.

Era de certo o resultado de anterior accôrdo.

Os homens saíram pouco depois com a mesma precaução, e ainda guiados pela criada, que d'esta vez os acompanhou até fóra do jardim.

O que fizeram aquelles embuçados em casa de Churrucháo? E em virtude de que missão iam elles alli? Encaminhava-os a politica, o amor, a vingança ou o crime?

Ao regressar a casa, e antes de entrar a porta do jardim, a velha criada foi assassinada por um homem truculento que a esperava n'aquelle sitio.

A velha não teve tempo de soltar um grito, mas aos ouvidos chegaram-lhe estas palavras:

— Assim, teus amos não ralham ámanhã comtigo, pelo teu descuido! Ah! ah!...

VIII

Fernão Perez Churrucháo recebeu ao mesmo tempo duas interessantissimas cartas.

Achava-se desesperado o mancebo pelo mau exito de seus esforços a favor do rei, e dispunha-se a regressar com este e continuar os trabalhos politicos na metropole, quando viu que uma das referidas cartas lhe dava horriveis pormenores ácerca de seu pae.

A sensação que isto devia causar-lhe não se póde expressar aqui.

Todo o sangue do mancebo lhe affluiu ao coração e ao cerebro, e quasi que não pensaria na outra carta, se esta não fôra escripta por sua querida irmã, dizendo-lhe:

«Vinga a morte de teu pae, do nosso infeliz pae, cujo paradeiro ignoravamos, porque a estas horas deve ter expirado no carcere em que o sepultou o odio do arcebispo. Vem depressa derramar o sangue com o qual deves, ao mesmo tempo, lavar a morte d'esse venerando ancião e a negra affronta de que foi victima tua irmã.»

«*Maria*»

Fernão Perez ficou por alguns instantes como fulminado!

Achava-se n'aquella occasião no palacio em que residia o justiceiro monarcha D. Pedro I de Castella, a quem os fautores de enormissimas crueldades foram os primeiros a appellidar de *Cruel*.

Fernão, depois de lhe passar a primeira convulsão nervosa, dirigiu-se como louco ao quarto del-rei.

D. Pedro, que estava sentado, levantou a cabeça ao sentir os passos do joven Fernão: e quando o viu n'aquella desordem, com as feições alteradas, perguntou-lhe impressionado e enrugando as sobrancelhas:

— Que ha de novo, Fernão, que assim vens perante mim tão desconcertado?

O mancebo não póde responder ao monarcha, porque lhe faltou a voz.

Cada vez mais admirado el-rei, que nada comprehendia, tornou a perguntar:

— Não me ouves?... que é o que te trouxe aqui, em similhante estado?

— Meu senhor e rei! — exclamou então quasi balbuciante, — venho supplicar a V. M. que me deixe saír hoje mesmo para Santiago!

— Para que?

— Para salvar um leal servo de V. M., meu velho pae; talvez que para lhe receber o ultimo suspiro se não o encontrar já cadaver.

— Quem póde attentar contra a sua vida? — exclamou o monarcha, dando um salto na cadeira, e com voz terrivel e magestosa.

— O arcebispo.

— O novo arcebispo de Santiago!

— Sim, meu senhor e rei.

— Como o soubeste, Fernão?

— Leia V. M.

— E Fernão deu ambas as cartas a el-rei.

Este, a cada linha que seus olhos percorriam, ia dando evidentes signaes de crescente alteração.

Quando acabou de ler, amarrotou nas mãos as duas cartas, e com voz cuja tranquilidade reprimida era de tão mau presagio n'elle, disse:

— Nada temos que fazer aqui, Churrucháo; e assim dentro de uma hora quero achar-me em marcha para Santiago. Não deixemos para ámanhã o que se póde fazer hoje.

E D. Pedro caíu quebrantado na cadeira, como se o anniquilára profunda inquietação; Fernão partiu-se apressado da real camara, para executar pontualmente as ordens do soberano.

IX

Quasi á mesma hora em que se passava a scena que descrevemos, D. Suero, arcebispo de Santiago estava no seu palacio, em seria conversação com o favorito Mendo.

Recordavam-se elles do que quer que fosse, occorrido noites antes, quando o arcebispo interrompeu a rememoração do pagem, dizendo-lhe:

— Esqueçâmos isso, que não nos importa já, e dize-me o que ha relativamente ao velho Churrucháo, a seu filho e a el-rei.

— Em quanto ao primeiro, — respondeu o pagem, — não deve ter vida sufficiente para contar o dia de ámanhã.

— Com certeza?

— Fui lá verifical-o, senhor.

— E encontrastel-o...?

— Quasi morto.

— E seu filho?

— Está com el-rei na villa de Pontevedra.

— Ainda se não sabe quando regressa o monarcha?

— Dentro de sete ou oito dias, como já lhe disseram.

— É preciso não descançar um instante sequer. A causa de D. Henrique e a minha tranquillidade exigem mais cuidado agora que nunca. Vae-te, Mendo, e deixa-me só; dize ao deão que o espero n'esta camara.

— Quando janta?

— Não posso agora pensar n'isso; porém socega que não me esquecerei do teu bispado de Astorga. Estou projectando o modo de te preparar o caminho com uma conezia... Descança!

— E tanto, senhor, que tudo lhe agradeço já humildemente.

O pagem comprimentou o arcebispo e saíu em procura do deão.

(Continúa)

PORTO DE MOS

O mundo progride. Não era necessario que as eloquentes palavras de um distincto pensador d'este seculo exprimissem esta verdade, para que fosse actualmente recebida como dogma.

Obedecendo ao geral impulso que arroja a huma-

nidade nas vias do seu destino, tambem nós vamos progredindo n'este abençoado cantinho do mundo chamado Portugal. As ruinas do castello que senhoreava a colina sobre a larga estrada que hoje ladêa a montanha, que sóbe ás nuvens e se interna pelo coração do paiz, são a prova de que tambem aqui o verbo do progresso intimou os seus designios; são o epitaphio de um passado remoto ao pé do ledo viçar do presente em que rebenta esperançoso fructear.

O *cà tuera cela* de Claudio Frolo não é tão verdadeiro como se tem pretendido. Houve uma epocha em que o progresso era o castello tomado, onde servos tinham pão e trabalho, onde vassallos justiça e guarida; seguiu-se-lhe depois o edificio municipal, mais tarde o mosteiro, depois as vias faceis e commodas de communicação, e todos esses maravilhosos meios de augmentar as faculdades do homem, quasi emancipado das condições de espaço e de tempo, onde disputam primazia os arrojos d'arte, ora prefurando montes, ora assoberbando torrentes caudaes e mares incommensuraveis. Cada epocha tem o seu edificio, registro e monumento das differentes phases do progresso social.

As vias de communicação influem poderosamente nas regiões que percorrem; criam necessidades e interesses que transformam completamente uma zona inteira; e aquella posição que um dia antes era importante e favorecida, fica muitas vezes secundaria ou de nenhum interesse, quando não sabe ou não póde crear novas condições de existencia.



Castello de Porto de Mos — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço do sr. Silva Mattos

Porto de Mos é hoje mesquinha e decadente villa da Extremadura no districto de Leiria, a seis legoas da mais proxima estação do caminho de ferro do norte, e a uma do ponto mais visinho da estrada de Lisboa ao Porto. Está escondida entre serranias que de todos os lados a circundam, excepto ao norte, por onde se estende uma fertilissima veiga até á villa da Batalha, tão celebre pelos feitos del-rei D. João I, como na historia da nossa independencia pelo maravilhoso convento, mimo do estilo architectonico, tão admirado de naturaes como de estranhos.

A gravura que acompanha estas linhas, representa as ruinas do antigo solar do alcaide D. Fuas Roupinho, se não antes do paço real do rei moiro Gami, situado no vertice de uma das frequentes ondulações com que o terreno aqui se encrespa. A paizagem que d'alli se goza é de uma rudeza bella; mas se as vistas se recreiam com estender-se ao largo, quando se aproximam da base do outeiro, a impressão transforma-se: parece que a villa seguindo as tradições de antiga fidelidade, em cuja obediencia morriam os vassallos em roda do pendão do suzerano, a villa pouco a pouco se vae esboroando, e um dia talvez de Porto de Mos sómente sobreviverá o nome e as ruinas. Entra-se na villa pelo poente, e encontra-se logo desmantelado um edificio que foi convento, depois seguem-se ruas estreitas e tortuosas, orladas de casebres, egrejas abandonadas e alluidas; para coroa o castello arruinado e fendido.

Porto de Mos teve uma epocha de prosperidade em que foi importante: ás influencias feudaes succederam influencias monasticas, e á sombra de similhante castello foi vivendo contente de si e da sua sorte; mas depois, quando as revoluções transformaram as cri-

cunstancias do paiz, ou não as comprehendeu, ou não pôde hombrear com ellas e começou a definhar.

O progresso, resultado pratico de um dogma ainda não definido, a solidariedade universal, como não admitte nada inutil, assim humilha ou exalta a cada qual conforme os tributos que lhe pagam, conforme a porção de trabalho de que se incumbem; e assim Porto de Mos só poderá elevar-se outra vez á prosperidade, quando se explorem as riquezas naturaes que Deus lhe deu nos abundantes jazigos de ferro e ulha, que ha indicios de terem estado em exploração já n'outras eras.

A. C. DA SILVA MATTOS.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

53.°

Ao nosso collega o sr. Goes, insigne paleographo da repartição dos manuscriptos da bibliotheca nacional de Lisboa, cujo é o artigo que se vae ler, agradecemos a resolução da duvida que suscitámos, ha hoje tres annos, sobre a etymologia da praça dos Remolares.

Á vista dos documentos por elle citados, deve a auctoriddae competente mandar rectificar os letreiros da citada praça.

REMOLAR OU REMOLADOR

É incontestavelmente de grande vantagem a publicação de semanarios da natureza do *Archivo Pittoresco*. A sua indole comporta não só a vulgarisação de toda a qualidade de noticias curiosas ou instructivas, mas a faculdade de as rectificar ou ampliar em qualquer occasião, á medida que se descobrem novos subsidios.

Aproveitando-nos pois d'esta faculdade, procuraremos resolver uma duvida que ficou pendente no vol. III d'este semanario a pag. 2.

N'um bem elaborado e noticioso artigo, que alli vem ácerca da antiga praça dos *Romulares*, diz-se o seguinte:

«Voltando á praça dos Romulares, ou caes do Sodré, como geralmente se lhe chama... diremos que tentando investigar a antiguidade do nome d'esta praça, não o conseguimos. Só alcançámos que muito antes do terremoto já assim se denominava, posto que não fosse praça regular, e apenas um sitio ou paragem da longa praia ou ribeira de Lisboa...»

«Este nome não se acha em nenhum vocabulario nem genealogia do nosso paiz. Seria appellido de algum italiano que alli tivesse o seu trafego, visto que por aquelle sitio residiam e negociavam muitos, e tanto que no visinho largo de S. Paulo houve d'antes um mercado que chamavam dos genovezes?»

«Haveria n'aquelle terreiro algumas figueiras italianas de certa especie chamada *romulare*, visto que muitas denominações de ruas e sitios de Lisboa tomaram o nome de arvores que ahi houve?».

A estas conjecturas cremos poder responder, assentando no que se entendia pela denominação de *remolares*.

Começaremos por transcrever dois documentos que encontrámos no archivo nacional da Torre do Tombo. O primeiro vem no livro IX da Chancellaria del-rei D. Affonso V a fol. 154 v.°, e o segundo no livro 33 fol. 38. Podiamos extractal-os, o que talvez bastasse, mas, attendendo a que não são muito longos, dal-os-hemos na integra. Eil-os com a linguagem e orthographia da epocha.

«Dom Affonso etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nós querendo fazer graça e mercêe a Alvaro Fernandez morador em villa nova do Porto, *por quanto nos foy dicto que era boom carpinteiro*, Temos por bem e tomalio [1] por *remolador* das nossas terecenas da dicta cidade em logo [2] de João Diaz que o dicto oficio tinha, o qual se ora finara. E porém [3] mandamos ao nosso almoxarife das dictas taracenas e a outros quaeesquer a que o conhecimento desto pertencer e esta carta for mostrada, que aja o dicto Alvaro Fernandez d'aqui em diante por nosso *remolador* das dictas terecenas e o leixem servir em elas e lhe façom pagar e paguem o mantimento e hordenado que avia o dicto João Diaz, por quanto nossa mercêe he que ele o seja e outro nenhum nom. Unde al nom façades. [4] Dante em Lixboa XXVI dias douytubro. Fernão Lourenço a fez anno de nosso senhor Jhũ xpo de mil iiij^c lxiij.» [5]

«Dom Affonso etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nós querendo fazer graça e mercêe a Gonçalo Fernandez morador em a nossa cidade do Porto e nós o darmos por nosso *remollar* em logo e vagua d'Alvaro Fernandez que o dicto carrego tinha e se finou, o qual queremos e nos apraz que elle aja outro tanto mantimento e liberdades como avia o dicto Alvaro Fernandez; e por sua guarda e lembrança nossa lhe mandamos dar esta carta assinada per nós e assellada do nosso sello pendente. Dada em Evora a XVIII dias de Fevereiro, João André a fez anno de nosso senhor Jhũ xpo de mil iiij^c lxxiij. [6]»

Da comparação d'estes dois documentos podemos concluir que *remolar* e *remolador* são a mesma coisa; visto que chamando-se *remolador* no primeiro a Alvaro Fernandez, no segundo, que é a carta passada ao seu successor Gonçalo Fernandez, é este nomeado *remolar* «em logo e vagua d'Alvaro Fernandez que o dicto carrego tinha e se finou.» Vê-se tambem que a razão adduzida para dar o cargo de *remolador* a Alvaro Fernandez está expressa nos seguintes termos: «por quanto nos foy dicto que era boom carpinteiro»

Taes provas são sufficientes para estabelecer definitivamente que *remolar* ou *remolador* era um officio analogo ou annexo ao de carpinteiro.

Mr. Jal no seu *Glossaire Nautique* define *remolar:* «obreiro que fazia remos,» e para confirmar e auctorisar a sua definição, cita o manuscripto n. 938-3 da Bibliotheca da Marinha (de Paris), intitulado: *Livre des dépenses faites pour l'armement de la galère le Saint-Thomas (Mai 1406)*, no qual, a fol. 60 v., vem o trecho seguinte: «Mestres Remolars los quals dreçaren los rems per obs de la dita galea.» Além d'isto, o illustre antiquario diz que a palavra *remolar* pertence ao catalão, e ao francez e castelhano antigos; achando-se tambem no italiano, que disse *remolario* e *remorario*, e no provençal que usou de *remoulá*, *remolat* e *remollar*.

Se ainda restasse alguma incerteza de que esta palavra tivesse passado com a mesma significação para a nossa lingua, que é neolatina como as acima indicadas, temos a auctoridade de um escriptor portuguez a quem eram bem familiares as coisas maritimas, que resolve cabalmente a duvida; — fallamos de Gaspar Corrêa, mais de uma vez citado n'este semanario.

Na sua obra *Lendas da India*, que a Academia real das sciencias de Lisboa está publicando, na lenda de D. Garcia de Noronha, ainda inédita, e que deve ser a primeira do IV tomo, refere Gaspar Corrêa, com a sua costumada minuciosidade, a historia de um rume que fugira do campo dos sitiadores de Dio para dentro da fortaleza.

[1] Parece que houve lapso, e que se deveria ler: «e nos praz tomallo.»
[2] Logar.
[3] Por isso.
[4] Formula que corresponde a «Pelo que não façaes outra coisa.»
[5] 1463
[6] 1473

N'essa narrativa se acha incidentemente a palavra com a sua definição.

Conta o chronista no começo do cap. 41 da dita lenda, que o rume se lançára aos pés do vice-rei, quando este foi a Dio, pedindo-lhe que o mandasse baptisar; e soube de tal modo captar-lhe a benevolencia, que o vice-rei o levou comsigo para Goa, onde o trazia muito favorecido; mas alludindo o nosso auctor á pouca sinceridade que suppunha ao rume, diz o seguinte: Um moiro, que fugira das galés, que era fundidor, que estava em Goa, disse ao vice-rei que este rume o enganava e era espia... e que o rume era *remolar de concertar os remos das galés;* e que era grande piloto, que por tanto olhasse não lhe fizesse algum engano, etc. etc.»

De todas estas indicações e documentos deve deduzir-se que a praça dos Remulares tomou esse nome dos carpinteiros de remos que alli trabalhavam. E de certo que a beira-mar era o logar mais asado para aquelle officio. Em epocha antiga, quando a cidade ainda não estava tão dilatada, deviam as officinas de aprestos maritimos achar-se mais proximas da rua hoje chamada do Arsenal. Á proporção que a cidade se foi alargando e aquellas praias cobrindo de edificios, tiveram esses misteres de se ir retirando mais para o poente; porém, apesar d'essa mudança, o nome ficou subsistindo, como muitos outros de ruas e praças de Lisboa, que no seu principio indicavam o destino d'esses locaes, ou dos misteres que alli estavam arruados.

Lembraremos mais, que a palavra se deverá escrever *remolar* e não *romular;* e que apesar do vocabulo ser hoje absoleto já foi usado e corrente em portuguez; e se por ventura o tomámos d'algumas das linguas romanas, mencionadas por Mr. Jal, é comtudo indubitavel que tem a sua origem no termo latino *remus.*

Além d'isto, restituindo á palavra a sua verdadeira orthographia, evitâmos que algum futuro archeologo, vendo escripto *romular*, cáia na tentação de querer provar, depois de sérias e aturadas reflexões, que assim como Ulysses veiu da Asia Menor a Lisboa, muito mais facilmente podia ter vindo Romulo de Roma ao caes do Sodré. Mas não fique por isso descontente o archeologo; se os *romulares* não descendem de Romulo, de certo que vieram de *remo.*

J. G. G.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

IV

O MAR

O que mais nos attrae a attenção é a immensa quantidade de agua que cobre a maior parte do globo; estas aguas occupam sempre a parte mais baixa, conservam sempre o mesmo nivel, e tendem constantemente para o equilibrio e para o repouso: vêmol-as porém agitadas por um poder bem forte, que, oppondo-se á sua tranquilidade, lhes imprime um movimento periodico e regulado, eleva e abaixa alternativamente as ondas, e faz balanço com a massa total dos mares, remexendo-os até á maxima profundidade.

Sabemos que este movimento pertence a todos os tempos, e que ha de durar tanto quanto ha de durar o sol e a lua, que são as causas d'elle.

Considerando depois o fundo do mar, encontrâmos-lhe tantas desegualdades como na superficie da terra; encontrâmos-lhe elevações, valles, planicies, profundidades, rochedos, terrenos de todas as especies, vêmos que todas as ilhas são o cume de montanhas altissimas, cuja base e raizes se acham cobertas pelo elemento liquido, encontrâmos-lhe outras montanhas, cujo cimo está quasi á flor da agua, e correntes rapidas que parece isemptarem-se do movimento geral; umas vezes correndo sempre na mesma direcção, retrogradando outras, mas não excedendo nunca os seus limites, que se apresentam tão invariaveis como os que se oppõem aos esforços dos rios da terra. Aqui existem regiões tempestuosas, onde os ventos enfurecidos precipitam as borrascas, onde o mar e o ceo, da mesma sorte agitados, se embatem e se confundem; além dão-se movimentos internos, effervescencias, trombas e agitações extraordinarias causada por certos vulcões, cuja cratéra submersa vomita fogo do seio das ondas, e impelle até ás nuvens um espesso vapor misturado com agua, enxofre e betume. Mais longe os sorvedoiros, dos quaes ninguem se atreve a aproximar-se, e que parece attrairem os navios para os engolir; mais longe ainda, as vastas extensões sempre socegadas e serenas, mas nem por isso menos perigosas, onde a arte do navegador se torna inutil, onde é forçoso ficar e morrer; e finalmente, dirigindo a vista para as extremidades do globo, assombram-nos elles gelos enormes que se destacam dos continentes dos polos, e que vem, como montanhas fluctuantes, viajar e derreter-se nas regiões temperadas.

Eis o que principalmente nos apresenta o vasto imperio do mar. Milhares de habitantes de differentes especies lhe povoam a extensão, uns atravessando-lhe rapidamente todas as regiões, carregados com uma concha pesada, arrastam-se outros tardiamente assignalando com todo o vagar a sua progressão na areia; outros, a que a natureza concedeu barbatanas em fórma de azas, servem-se d'ellas para se levantarem e suster-se nos ares; outros em fim, a que foi negado o menor movimento, crescem e vivem pegados aos rochedos, e todos no mesmo elemento encontram a sua sustentação. O fundo do mar produz abundantemente plantas, musgos, e vegetações mais singulares ainda; o chão é de areia, de burgalhão, de lodo, de terra firme, de conchas ou de rochedos; mas similhando sempre a terra que habitâmos. — *(Buffon)*

V

UTILIDADE DO MAR

Não posso acreditar que esta porção immensa dos dominios do homem, fosse condemnada a uma esterilidade perpetua, e a não derramar outras riquezas na vida social além de um pouco de sal e de peixe. Persuado-me de que é a fraqueza do nosso espirito, e não a parcimonia da natureza, que nos faz parecer pobre este espaço immenso; e quando considero com que vantagem o Creador o empregou para a economia do nosso planeta, não posso deixar de pensar, que o genero humano, quando chegar a ser mais poderoso, tirará tambem grande partido da força, hoje completamente perdida, das ondas e das marés. De quantos inapreciaveis thesoiros não poderia opulentar-nos o Oceano se o decomposessemos nos seus elementos primitivos? Quantos segredos não poderá elle ainda conservar occultos para nós?

Não me encontrei nunca no meio d'esses desertos extraordinarios, quando, tendo-se a terra sumido de todo, não vemos em redor senão a multidão das ondas, sem que me sentisse profundamente convencido de que me achava então em presença de um grandioso desconhecido. Determinando a linha dos rios do Oceano, a hydrographia não ergueu de todo os véos que o encobrem; e depois de termos descoberto como podemos visitar todos os cantões da terra, resta-nos descobrir por que artes nos poderemos servir d'elle. Outras

muitas minas ha tambem que os homens, pela sua ignorancia, tem pisado muita vez, sem desconfiar, sequer, que estas substancias despresadas seriam para os seus descendentes, mais instruidos, fontes fundamentaes de opulencia. Tanto mais se desenvolve a nossa perspicacia, tanto mais nos é manifesto que não ha nada em roda de nós que não seja nosso, e de que a nossa industria não possa aproveitar-lhe a utilidade. Além dos beneficios que naturalmente recebemos do mar, as nuvens, a chuva, a humidade do ar, e os rios, e dos que já vamos conseguindo extrair-lhe, não receemos dar confiadamente n'esta mysteriosa reserva uma parte ás invenções que pertencem ao futuro, e não tenhamos a temeridade de condemnar, como incommodo e inutil, um elemento de que nem sequer temos a certeza de conhecer a fundo. — (J. Reynaud. *Ceo e Terra*)

VI

PHOSPHORESCENCIA DO MAR

Este phenomeno excita sempre admiração, apesar de se poder presencear todas as noites durante mezes a fio. Em todas as zonas o mar lança uma luz phosphorecente; mas quem não observou este admiravel espectaculo nas regiões tropicaes, e principalmente no mar do sul, não póde fazer senão idéa imperfeita da sua magnificencia. Quando um navio de linha levado por vento fresco fende as vagas espumantes, o navegador não farta a vista no espectaculo das ondas entrebatidas. Cada vez que o casco do navio, se ergue fóra d'agua chammas vermelhas ou azues chispam do costado como relampagos. Não se póde descrever tambem o admiravel aspecto offerecido pelos marés dos tropicos, nas occasiões em que os ranchos de golphinhos se debatem durante uma noite escura: onde estes cetáceos ordenados em longas filas fendem com as suas evoluções a espuma das ondas, faiscas repetidas e luz intensa apparecem immediatamente. É esta produzida em parte por uma grande quantidade de especies maritimas, que poderiamos chamar fachos vivos, ou então pelas fibras e membranas organicas que deixa ficar na massa liquida a decomposição d'estes animaes. A primeira causa é incontestavelmente a mais ordinaria e a mais geral. Não ha animal nenhum, nem mesmo os infinitamente pequenos perdidos nas camadas immensas do Oceano, que não seja dotado de faiscas phosphorescentes. Vi o *ammmaria scintillans*, minuscula ortiga do mar, cujo volume eguala, na epocha do seu completo desenvolvimento, o de uma cabeça de alfinete, offerecer-me á vista o magnifico espetaculo de um ceo estrellado que se reflecte no mar. Vi, com a ajuda do microscopio, faiscarem em sitio escuro, n'uma gota de agua do mar, infusorios do Baltico, dos quaes, os maiores, tinham um oitavo de linha, e os menores um noventa e seis avos.

Quando estes animaes extenuados já não exparsiam luz, bastava para lhes restituir a faculdade da phosforecencia excital-os por meio de algum acido, ou misturar pouco de alcool á gotta de agua salgada que os envolvia.

Filtrando repetidas vezes agua do mar tirada de pouco, um naturalista emminente, Ehreuberg, obteve um liquido no qual estavam concentrados muitos animalculos luminosos. Eram vibriões, bacterions, monadas. E quatro milhões de monadas cabiam n'um centimetro cubico. As observações da chimica, da physica e da historia natural, tendem a fazer-nos acreditar que o mesmo principio actua por toda a parte, no infusorio que se não póde perceber á vista desarmada, no gymnoto cujo mero contacto paralysa o animal mais vigoroso, na nuvem d'onde se desprende o raio, e nos clarões magneticos que, com o nome de *auroras*, illuminam os espaços sombrios e gelados dos dois polos. — (Humboldt. *Quadros da Natureza*)

Desde Aristoteles e Plinio, foi para os viajantes e para os phisicos a phosphorecencia das aguas do Oceano objecto de egual interesse. Variados e numerosos são os phenomenos que ahi se dão! N'umas partes a superficie do Oceano faisca e brilha na sua extensão toda como um tecido de prata, electrisada á sombra; n'outras desenvolvem-se as vagas em lençoes immensos de enxofre e de betume abrasados; n'outras parece ver-se um mar de leite sem fim. Bernardin de Saint-Pierre descreveu com enthusiasmo estas estrellas brilhantes, que saltam a milhares do fundo das aguas, e das quaes, acrescenta elle com verdade, os nossos fogos de artificio são apenas fraquissima imitação. Fallaram outros n'essas massas abrasadas, que rolam sob as vagas como balas vermelhas e enormes, algumas das quaes chegaram a parecer-nos terem vinte pés de diametro pelo menos.

Muitos maritimos observaram parallelogrammos incandescentes, cónes de luz rodopiando em torno do proprio eixo, algumas grinaldas deslumbrantes e serpenteados luminosos.

N'alguns sitios do mar vê-se a meudo repuxarem acima da superficie das ondas jorros brilhantes de fogos: n'outros uma especie de nuvens de luz e de phosphoro andarem errando sobre as ondas, no meio das trevas. Occasiões ha em que o Oceano parece enfeitado com uma facha immensa de luz movel e ondulosa, cujas extremidades se perdem nos confins do horisonte. — (Perron. *Viagem ás terras Austraes*)

THEMAS CLASSICOS

POBREZA FRANCISCANA EM 1400

Tão assentado ficou com esta reformação (do padre fr. João de Xira, confessor del-rei D. João I) o espirito serafico, que tudo era commum, sem haver a divisão d'estes nomes *meu* e *teu*, os quaes muitas vezes fazem as almas proprietarias. Não se dava a frades particulares o uso de breviarios que ficavam dos defunctos, se não com muitas cautellas pertencentes á pobreza, e concorrendo primeiro o consentimento geral de toda a communidade. Os que faltavam ao côro por necessidade, tinham diurnal na sacristia e breviario no claustro, presos por uma cadeia, pelos quaes satisfaziam o officio divino. Tudo o mais passava por esta mesma fieira: tudo aqui, ainda que muito pobre, parecia precioso ou para ser estimado, se convinha á nossa regra de peregrinos no mundo; ou para se desprezar, se não dizia com ella.

Com isto eram os frades não só pobres mas humildes, trabalhando em o serviço da casa como servos da sua communidade. Cavavam a horta, levantavam as paredes, coziam a sua roupa; escreviam e trasladavam os livros, ou por falta de estampa ou por pouparem os gastos que fazem as impressões: e não havia officio em que elles não fossem officiaes.

Foi necessasio reparar o telhado da egreja (de S. Francisco de Leiria) no anno de 1480, da qual obra nos ficou esta lembrança: «Isto custou a fazer muito trabalho dos *fraires*, por que a telha se fez toda junta com este alpendre da egreja, e ahi se coseu em um forno que se pera ello fez. Da qual obra ficaram todos os *fraires* mestres de amassar e pisar barro: especialmente frei Gonçalo de Lamego, sacerdote, confessor e prégador.»

De modo que estas eram as occupações dos frades auctorisados, que com letras e virtudes honravam tambem a religião.

FR. MANUEL DA ESPERANÇA